

SIMPÓSIO AT072

AUTOBIOGRAFIA: ESPAÇO DE CONSTITUIÇÃO DE LEITORES

OLIVEIRA, Ilse Leone Borges Chaves de – UFG – ilseleone2@gmail.com
SOUSA, Kátia Menezes de – UFG – km-sousa@uol.com.br

Resumo

Este trabalho problematiza a narrativa autobiográfica como espaço de constituição de leitores. Objetivando investigar a formação de leitores em uma turma de 1º ano do ensino médio, os alunos foram provocados a construir suas memórias de leitores. Os pressupostos que fundamentam esse trabalho ancoram-se na noção foucaultiana de sujeito do discurso (FOUCAULT, 2008, 1988, 1985a, 1985b). O interesse por essas questões relaciona-se à ideia foucaultiana de que a ética e a estética da existência, a construção do sujeito singular, o funcionamento das tecnologias do eu, presentes nas narrativas de si, são responsáveis por determinada forma de constituição do sujeito. Problematizo essas narrativas autobiográficas com a compreensão de que o texto é resultado de um processo de intertextualidade que ajuda o sujeito a compor sua própria história e, ao se autonarrar, reconhecer-se na história que conta e dar-se uma identidade (SCHOLZE, 2008, p. 97). A pesquisa tem caráter qualitativo e os dados foram coletados em sala de aula, por meio gravação em áudio, transcrições e produção escrita dos alunos. Essa investigação possibilita entender a produção autobiográfica como uma prática de reflexão consigo mesmo, em sua relação com o outro e com o mundo, e como um espaço em que o eu está em constante fazer, desfazer e se refazer, em que o sujeito faz de si o objeto de sua reflexão” (SCHOLZE, 2008, p. 98).

Palavras-chave: Ensino; Autobiografia; Formação de leitor.

AUTOBIOGRAPHY: THE SPACE OF CONSTITUTION OF READERS

Ilse Leone Borges Chaves de OLIVEIRA – UFG – ilseleone2@gmail.com
Kátia Menezes de SOUSA – UFG – km-sousa@uol.com.br

Abstract

This paper discusses the autobiographical narrative space of constitution of readers. Aiming to investigate the formation of readers in a high school class, students were prompted to build your memories as readers. The assumptions underlying this work were anchored in Foucault's notion of the subject of discourse (FOUCAULT, 2008, 1988, 1985a, 1985b). The interest in these issues is related to Foucault's idea that ethics and aesthetics of existence, the construction of the singular subject, the operation of the technologies of the self, present in the narratives themselves, are responsible for some form of constitution of the subject. Problematize these autobiographical narratives with the understanding that the text is the result of intertextuality process that helps

the subject to compose your own story and, when someone does the self-narrate recognizes you in the history that he tells, giving an identity (SCHOLZE, 2008, p. 97). A qualitative research and data were collected in the classroom, through the means of audio execution, transcriptions and writing production of the students. This investigation makes it possible to understand autobiographical production as a practice of reflection with oneself, in their relationship with each other and with the world, and as a space in which the self is constantly making, undo and redo, in which the subject makes himself the object of his reflection.” (SCHOLZE, 2008, p. 98).

Keywords: Teaching; Autobiography; Formation of reader.

Este trabalho é parte da pesquisa que realizei no doutorado, quando investiguei a formação do leitor por meio da construção de memórias de alunos do Ensino Básico¹.

Neste recorte da pesquisa, que aqui apresento, problematizo a narrativa autobiográfica como espaço de constituição de leitores. Objetivando investigar a formação de leitores em uma turma de 1º ano do ensino médio, os alunos foram provocados a construir suas memórias de leitores.

A investigação foi realizada conforme orientações da pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico, uma vez que passei um semestre letivo, em sala de aula, com os alunos participantes, coletando dados por meio de gravação em áudio de aulas e entrevistas, de aplicação de questionários, de realização de atividades de produções orais e escritas.

Entre essas atividades, foi proposta aos alunos participantes a produção de uma narrativa autobiográfica, em que fossem construídas suas memórias de leitores em formação, e que me possibilitasse problematizar a constituição desses sujeitos leitores.

Scholze (2008), para discutir narrativas de si e a possibilidade de resignificação da existência, parte dos seguintes pressupostos:

o texto pode ser considerado como resultado de um processo de intertextualidade e pode ajudar o sujeito a compor sua própria história; o trabalho de produzir textos autonarrativos atribui um lugar privilegiado ao narrador em sua história; a produção de narrativas pode ser vista como uma prática de

¹ OLIVEIRA, Ilse Leone B. C. de. **Memórias de leitores: uma história construída na trama dos discursos escolares**. UFG: Goiânia, 2012.

reflexão do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Nessa perspectiva, o sujeito está situado e é constituído pelos discursos que o atravessam (SCHOLZE, 2008, p. 89).

Esses pressupostos ancoram-se na noção foucaultiana de sujeito do discurso, aquele a quem é permitido dizer alguma coisa. Ao postular essa noção, Foucault interroga sobre as condições que possibilitam a alguns serem – ou se sentirem – autorizados a fazer uso do discurso e a outros não (FOUCAULT, 2008, 1988, 1985a, 1985b). Essa problematização nos remete à forma pela qual se organizam as relações sociais na contemporaneidade, nos incitando a questionar como as práticas discursivas são veiculadas, como se dão as oportunidades de expressão e a disputa pelo lugar do discurso. O interesse por essa problematização, por essas questões relaciona-se à ideia foucaultiana de que a ética e a estética da existência, a construção do sujeito singular, o funcionamento das *tecnologias do eu*, presentes nas narrativas de si, são responsáveis por determinada forma de constituição do sujeito.

Ao me debruçar sobre as narrativas autobiográficas de meus alunos, produzidas no contexto desta pesquisa que investiga a constituição deles como leitores, vejo-as, de alguma sorte, aproximadas do movimento que os *hypomnemata* visam efetuar, ou seja, “trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pode ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 1992, p. 137). Durante o processo de construção de memórias a que esses leitores-alunos foram submetidos, materializaram-se, no que disseram e escreveram, os discursos que os atravessam, que os determinam, os interdiscursos que os constituem. Portanto, ao problematizar essas narrativas autobiográficas, faço-o com a compreensão de que “o texto é, efetivamente, resultado de um processo de intertextualidade, que ajuda o sujeito a compor sua própria história, a autonarrar-se – e, autonarrando-se, reconhecer-se na história que conta e dar a si mesmo uma identidade” (SCHOLZE, 2008, p. 97). Assim, pode ser possível analisar como, por meio da escrita, “o eu está em constante fazer, desfazer e se refazer, numa perspectiva foucaultiana, em que o sujeito faz de si o objeto de sua reflexão” (SCHOLZE, 2008, p. 98). Além disso, a produção autobiográfica pode ser entendida como uma prática de reflexão consigo mesmo, em sua relação com o

outro e com o mundo, possibilitando a produção de nova estética para a própria existência.

Vejamos, então, como se escrevem esses leitores. Propus-me imergir no universo autobiográfico dos leitores a partir dos seguintes aspectos que me foram sendo sugeridos à medida que ia, repetidamente, lendo as narrativas: a) influência da família, das professoras e/ou de outros nas histórias dos leitores; b) documentos-suporte das memórias como marcas da constituição dos leitores; c) impressões, sensações e emoções: significados das experiências vivenciadas com a leitura.

a) Influência da família, das professoras e/ou de outros nas histórias dos leitores

Pompougnac (1997) problematiza, em autobiografias de leitores que se tornaram escritores consagrados, o que ele chama de “horizonte cultural de origem”. Esse horizonte seria o meio social em que o leitor vivencia suas primeiras experiências com os livros, com a leitura e, via de regra, é constituído pela família. Entre os familiares, sempre há alguém que influencia as crianças para a leitura. Nesta análise, focalizo o entrecruzamento desse horizonte cultural de origem com os horizontes escolar e mediático em que se envolvem os alunos. Na narrativa de Tatiana, a mãe aparece presente como a pessoa que a ajuda a se lembrar de episódios relacionados à leitura, porque estava presente nesses momentos:

Algo que minha mãe me lembrou e que até hoje não esqueço foi quando nós duas saímos para passear no Bosque dos Buritis e vi um vendedor de livros, e lá naquela banca havia uma caixa azul e dourada escrito, “Clássicos da Disney”, com cinco ou seis livros, sendo *Rei Leão*, *Os Aristocratas*, *Dumbo* e outros, sempre fazia minha mãe ler e depois de um tempo aprendi a ler e lia sempre ele. [...]

Uma história que minha mãe contou foi que quando minha irmã estava aprendendo a ler ela comprou a coleção Monteiro Lobato, e em vez de tentar ler ela rabiscava, e isso aconteceu com a minha outra irmã, e enquanto elas rabiscavam, eu tentava ler (TATIANA, 2008, arquivo de textos dos alunos).

Tatiana não diz que a mãe comprou os “Clássicos da Disney”, mas a maneira pela qual ela conduz a narrativa nos leva a essa conclusão. Essas

memórias são compartilhadas e, possivelmente, o fato de Tatiana tentar ler, enquanto as irmãs rabiscavam o livro, seja mais lembrança da mãe do que dela mesma, porque ela não declara que se lembra disso como declara que se lembra do encontro com a “caixa azul e dourada escrito, *Classicos da Disney*”. A mãe é uma guardiã das memórias de leitura suas e de suas irmãs. Isso é importante e é razão para que seja referenciada, em sua narrativa, por duas vezes, como alguém que comprava livros e lia para ela, quando ainda não sabia ler, alguém que acompanhava as filhas no aprendizado da leitura. A atuação da mãe de Tatiana há de tê-la influenciado em sua constituição como leitora ou não estaria, assim, presente em sua autobiografia.

b) Documentos-suporte das memórias como marcas da constituição do leitor

A produção de documentos-suporte pode contribuir bastante no processo de construção das memórias. Nas autobiografias, os documentos-suporte que aparecem de maneira mais marcante são os livros mesmo. Há uma coleção da Disney, em que os livros são acompanhados de fitas cassete, vendida em caixinhas que tocam música, que foi presente comum a esses leitores. Aqueles que não ganharam da família, conheceram por meio dos colegas e amigos. Esse é um documento recorrente nas narrativas. Não que os alunos o tenham guardado, mas como Yonara levou essas caixinhas para a aula, todos eles se lembraram das experiências de leitura que vivenciaram com esses livros e, no momento de produzirem a autobiografia, eles aparecem como suportes das memórias:

Fora da escola lembro de alguns livros que tinha: tinha uma coleção de livros infantis (*Aladin, A Bela e a Fera, A Pequena Sereia* etc.) que vinha dentro de uma caixinha que quando era aberta tocava uma musiquinha, lembro que naquela época aquela caixinha era o máximo e tinha duas caixinhas com vários livros (LAURA, 2008, arquivo de textos dos alunos).

Daí em diante, passei a ler várias obras diferentes, muitas da Disney, me recordo inclusive de uma caixinha que ganhei, com livros pequenos com “Clássicos da Disney” e que até tocava uma música ao ser aberta (IVO, 2008, arquivo de textos dos alunos).

Lembro que quando fiz 8 anos minha mãe me deu uma caixinha de música que tinha vários livros (é a famosa caixinha tão mencionada nas aulas), eu adorei, nem sempre lia, pedia para outra pessoa ler para mim. Até pouco tempo atrás eu tinha ela, hoje tenho dois livros escondidos para minha irmã não estragar (MARCELA, 2008, arquivo de textos dos alunos).

A referência recorrente a essas caixinhas, nas autobiografias, confere a elas importante papel na constituição desses leitores. No entanto, há outros livros que desencadeiam suas memórias. Yonara falou da bíblia infantil que guarda com muito carinho junto com as caixinhas de clássicos da Disney. Essa bíblia é tão importante em sua história de leitora que um episódio relacionado a ela se repete na entrevista e na autobiografia. Encontrados na biblioteca do Colégio, a coleção “Gato e Rato” e o livro *A casa sonolenta* também constituem documentos importantes em seu processo de rememoração. Sobre o segundo desses dois, Yonara confessa:

O primeiro livro que me marcou na biblioteca, foi *A casa sonolenta*. As imagens coloridas daquele livro sempre despertaram minha imaginação. Talvez a história nem me interessasse tanto, mas aquela casa era tão linda para mim que meu sonho era poder entrar no livro para conhecer aquela colorida casa (YONARA, 2008, arquivo de textos dos alunos).

E há outro:

O segundo livro que mais me marcou foi *A história sem fim*, foi o primeiro livro grande que eu li, aos 8 anos. Na época, minha mãe até cogitou que eu parece de ler pois era um livro cansativo, mas eu continuei. Eu gostava daquela história (YONARA, 2008, arquivo de textos dos alunos).

Esses objetos-livros foram aparecendo como documentos-suportes das memórias à medida que, como metodologia da investigação, eu colocava alguns deles diante dos alunos, em sala de aula, ao mesmo tempo em que os provocava a pesquisar por outros. Assim, aqueles que são citados em suas narrativas são, com certeza, os que estão impregnados, de alguma forma, em suas memórias, impingindo marcas na constituição deles como leitores.

c) Impressões, sensações e emoções: significados das experiências vivenciadas com a leitura

A ideia de uma construção estética de si, problematizada por Foucault (2006a, 2006b, 1992, 1988, 1985a, 1985b) em vários de seus “escritos e ditos”, possibilita pensar em um sujeito individual. Ou seja, superando as imposições do biopoder que disciplina os corpos e regula as populações, o sujeito, “numa

perspectiva da moral pós-convencional que se expressa pela reinvenção estética do prazer e do saber” (SCHOLZE, 2008), pode singularizar-se. Contudo, o sujeito se singulariza na relação com o outro, por meio do outro e para o outro. O outro, portanto, está sempre presente na constituição estética de si. Ao narrar, num processo rememorativo, as impressões, sensações e emoções vivenciadas em suas experiências de leitura, os alunos o fazem de forma a produzir determinados significados para essas experiências. Significados que, por sua vez, produzem uma estética mais ou menos singularizada deles como leitores, para eles mesmos e para os outros. Vejamos, então, quais as impressões, sensações e emoções que uma das alunas participantes seleciona, em suas lembranças, para compor sua autobiografia, configurando sua constituição como leitora.

Em sua narrativa, Marcela apresenta-se como alguém que, de certa forma, se torturava por ter dificuldade na aprendizagem da leitura. Na sequência de seu texto, contudo, a leitora que se constitui não é submetida pelas dificuldades. Pelo contrário, apesar de desistir da catequese por vergonha de

Na minha aprendizagem de leitura tive muita dificuldade, por isso pegava os mesmos livros, achava mais fácil. Essa foi a época onde passava mais tempo no corredor ou enfrente um espelho, treinar leitura ficava na minha rotina. São nesses lugares onde tenho mais lembranças, momentos de choro e emoção.

Na catequese tinha vergonha por gaguejar na leitura, fiz um mês e desisti.

As aulas de biblioteca eram divertidas, principalmente quando ganhava bombons, lá é onde tenho mais acesso com livros; [...].

Não existe coisa pior do que a curiosidade, deixei até de ler livro obrigatório por causa dela. (Lembro que deixei de ler o livro *Noite na taverna* para ler *Depois daquela viagem*, foi por curiosidade, minha prima falava muito dele.) (MARCELA, 2008, arquivo de textos dos alunos).

gaguejar na leitura, ela não desiste dos livros e conta que se divertia nas aulas de biblioteca, onde tinha “mais acesso com os livros”. Ao expor o sentimento de curiosidade por um livro, a ponto de deixar de ler um livro indicado como obrigatório pela professora para ler esse que a provocava, Marcela parece dizer que vencer as dificuldades com a leitura valeu a pena, desde que ela possa se dar o direito de escolher o que ler. Com muita propriedade, ela emprega o adjetivo “pior” – “Não existe coisa pior do que a curiosidade”. Ao ler o texto de Marcela, a concepção que se tenha de leitor vai determinar os efeitos de sentido que esse adjetivo produz, nesse enunciado. Em que sentido é pior deixar de ler um livro para ler outro? Para quem é pior? Quais são as circunstâncias que

determinam que ler um livro que se deseja é pior do que ler outro, por obrigação? Ainda que na minha posição de professora que defende o cânone, ainda que na minha condição de quem acredita que *Noite na taverna* vale apenas ser lido pela obra de arte que é, não posso deixar de levantar essas questões. Questões que ecoam o pensamento de Cademartori (2009), quando problematiza as listas de livros literários indicados a jovens estudantes. Pergunta a autora se “o perfil do público que lerá as obras indicadas é levado em conta, como fato decisivo de recepção, ou este é um aspecto desconsiderado, cabendo aos estudantes – em teoria, e só em teoria – alçarem-se à altura das obras” (CADEMARTORI, 2009, p. 80).

Os depoimentos e as narrativas dos alunos me dizem que eles voltaram-se sobre si mesmos e examinaram as próprias riquezas, produziram o próprio passado, como quem escreve um “livro” em que se constituem, se estetizam leitores e que poderão reler de tempos em tempos.

Referências

- CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- _____. **A hermenêutica do sujeito**. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- _____. **Ética, sociedade, política** (Ditos e escritos; V). – 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.
- _____. O que é um autor? In: **O que é um autor?** 3. ed. Portugal: Vega, 1992.
- _____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985a.
- _____. **História da sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985b.
- POMPOUGNAC, Jean-Claude. Relatos de aprendizado. In: FRAISSE, E.; POMPOUGNAC, J-C.; POULAIN, M. **Representações e imagens da leitura**. Tradução de Osvaldo Brito. São Paulo: Ática, 1997, p. 11-55.
- SCHOLZE, Lia. Narrativas de si e a possibilidade de ressignificação da existência. In: PASSEGGI, M. da C. e BARBOSA, T. M. N. (Org.). **Narrativas de formação e saberes biográficos**. Natal, RN: EDURFRN; São Paulo: Paulus, 2008.